

ENTREVISTA 12.03.2020

# 2020 É ANO DE ELEIÇÕES MUNICIPAIS NO BRASIL

As disputas eleitorais para os cargos de prefeitos e vereadores já estão na rua, especialmente nos capitais e grandes centros urbanos onde os cargos são mais cobiçados. Além das 16 capitais, o Brasil tem centenas de cidades com um porte de polo econômico da maior importância para a definição dos rumos políticos nacionais.

A TÓPICOS conversou com José Mario Brasiense Carneiro, diretor da Oficina Municipal – uma parceria de longa data da fundação alemã Konrad Adenauer.

Perguntas **BIANCA DONATANGELO**

## Acabou o carnaval. A disputa eleitoral já ganhou as ruas?

A campanha também ganha o primeiro impulso no mês de março com a abertura da “janela” para as mudanças de partidos com vistas às campanhas começam a ficar mais visíveis. Ou seja, a disputa interna pelas legendas partidárias é a primeira etapa deste processo.

O clima eleitoral também fica mais claro entre as autoridades municipais que estão concluindo seus mandatos e que estão sob a pressão dos últimos meses à frente das Prefeituras com uma preocupação tripla:

1. Ao lado da gestão das cidade que não pode parar os prefeitos precisam planejar e estruturar suas campanhas, no caso da possibilidade de reeleição, ou das campanhas de seus sucessores sendo que o primeiro desafio é exatamente escolher o/a sucessor/a;
2. Os prefeitos precisam também entregar os últimos resultados positivos de sua gestão sabendo que muitas das promessas poderão não ser cumpridas por falta de tempo;
3. Uma terceira preocupação que não é muito comum, mas que cresce, especialmente entre os gestores das novas gerações, é coordenar de forma responsável a transição de governo.

Em suma, trata-se de uma demanda tripla, num calendário apertado que pressiona o governo das cidades neste ano e tende a “embolar” tudo em uma palavra de ordem: estar prontos para buscar votos nos 45 dias de campanha a partir de agosto.

Paralelamente, é preciso que se diga, há também um debate que ganha força em torno da disputa eleitoral de 2022 para governador e presidente da república. Ainda que este debate nos pareça precipitado a agenda pública e a imprensa pressionam as lideranças que por sua vez irão canalizar sua energia política no pleito municipal.

## Na atual situação, quais são os temas que desempenham ou desempenharão um papel essencial nas campanhas?



As questões priorizadas pela população brasileira nas últimas eleições tem sido educação, saúde e segurança pública. Estes temas desempenharão um papel essencial nas campanhas sendo que o eleitor está cada vez mais preparado para reconhecer as propostas mais consistentes dos candidatos e o histórico político dos mesmos.

Há outros temas de caráter nacional tais como o desemprego, a habitação, o saneamento básico, o meio ambiente e mobilidade urbana. Eles ganham maior ou menor relevância dependendo da região do país.

Outros temas bastante específicos e desafiantes podem surgir dependendo da cidade que se tenha em vista. Por exemplo, no caso da Cidade de São Paulo, a crescente população em situação de rua é um fator preocupante e o candidato que souber explorar esse tema de maneira sensível tende a ser bem aceito pelo eleitor. De todas as maneiras, as demandas por políticas públicas de qualidade, em nível municipal é muito alta e os candidatos deverão estar muito bem preparados para dar respostas consistentes no discurso e na prática.

## Quais são os problemas das maiores cidades do Brasil? E quais são as tendências?

As duas maiores cidades do Brasil são São Paulo e Rio de Janeiro e ambas são muito parecidas em termos das grandes questões públicas que desafiam as gestões há décadas. Estes problemas dizem respeito ao “estar” na cidade para aqueles que moram fora e vem trabalhar nas duas capitais, ou para o “viver” na cidade, para seus habitantes permanentes.

Para aqueles que trabalham na cidade salta aos olhos a questão da mobilidade urbana. A busca do equilíbrio entre a altíssima densidade demográfica, a oferta de emprego em todo território municipal e as alternativas de transporte público exigem uma equação muito complexa e difícil de ser encontrada.

Por exemplo, em São Paulo, o último Plano Diretor da cidade (2014) sugeriu o adensamento da cidade com verticalização nos locais em

que já existe farta oferta de transporte público. No entanto, não se previu a oferta de alternativas mais baratas de moradia nessas regiões. Resolveu-se apenas parte do problema. Pensar em novos instrumentos de planejamento urbano para enfrentar essa questão de forma macro é um desafio para o próximo Prefeito.

Do ponto de vista do morador das capitais a questão principal tem sido a segurança pública. O seu oposto, a insegurança, é consequência direta das altas taxas de desemprego no país, o problema da segurança pública é transversal. Não está ligado apenas às práticas criminosas, mas também aos altos índices de tráfico de entorpecentes e ao aumento da população em situação de rua. É um problema que acaba esbarrando também na saúde pública e em outras políticas públicas de assistência social. Pensar políticas públicas transversais e intersetoriais ainda não é algo culturalmente assimilado em nossos setores públicos. Conseguir construir programas e políticas que integrem naturalmente essas demandas é um talento a ser procurado na próxima gestão.

**Que promessas eleitorais Doria/Covas (SP) e Crivella (RJ) poderiam cumprir e quais não? Como é a relação deles com o governo nacional de Bolsonaro?**

A resposta para esta questão não é simples. Vale destacar aqui a questão da Governança dessas duas grandes capitais. Nenhum dos dois governos evoluiu na questão da descentralização e do empoderamento das Subprefeituras (prefeituras regionais). No caso paulista, as Subprefeituras seguem sendo um braço de zeladoria urbana, com atribuições muito simples. As grandes demandas ainda ficam centralizadas nas Secretarias Municipais. No Rio de Janeiro, o caso é ainda pior porque as Subprefeituras não possuem nem coordenadorias de articulação com os órgãos centrais das

Prefeituras. No caso paulista, ainda há pelo menos uma estrutura de articulação que “encaminha” demandas para órgãos centrais.

Nenhum dos dois prefeitos foi capaz de utilizar seu mandato para tratar dessas demandas de Governança. Infelizmente isso nos parece tradicional e difícil. Promover grandes mudanças estruturais na governança pública municipal ou implantar processos de descentralização e desconcentração de poder dificilmente viram prioridade de governo. São movimentos que representariam grandes alterações estruturais, mas não são impactos perceptíveis pelo cidadão-eleitor comum.

No que tange à relação das capitais com o Governo Bolsonaro, há claramente mais empatia do governo Crivella (RJ) com a gestão federal. O Presidente tem demonstrado apreço pelo atendimento às demandas da chamada Bancada Evangélica. Isso certamente facilita o diálogo com Crivella, liderança cristã. No caso do Governo paulistano, Doria/Covas chegaram a acenar uma proximidade com Bolsonaro, principalmente durante a campanha de 2018. Tão logo iniciou-se o mandato de Bolsonaro, as relações entraram num outro patamar, de conflito, principalmente com Doria e Bolsonaro antagonizando, já com vistas às Eleições de 2022.

**Há outros candidatos que valem a pena ser mencionados? Quais são suas chances de sucesso?**

Dentre os nomes que vem sendo ventilados o ex-vice governador de São Paulo, Márcio França, é um candidato forte pois foi o segundo colocado nas eleições para o Governo Estadual em 2018. França irá utilizar parte desse capital político restante, ainda tentando se aproveitar de um sentimento “anti-Doria”, foco de sua campanha naquele momento.



Também sabemos que será essencial olhar para os candidatos apoiados pelo presidente da República, Jair Bolsonaro e também o candidato apoiado pelo ex-presidente, Lula. Essa é uma nova polarização, herdada também do pleito de 2018 e que terá influência na definição dos quadros eleitorais em todo o país, especialmente nas capitais e regiões metropolitanas.

**Na pauta da disputa eleitoral deste ano estarão as soluções propostas por cada candidato para os setores da educação, saúde e segurança pública.**

FOTO: Billy Cedeno / Pixabay